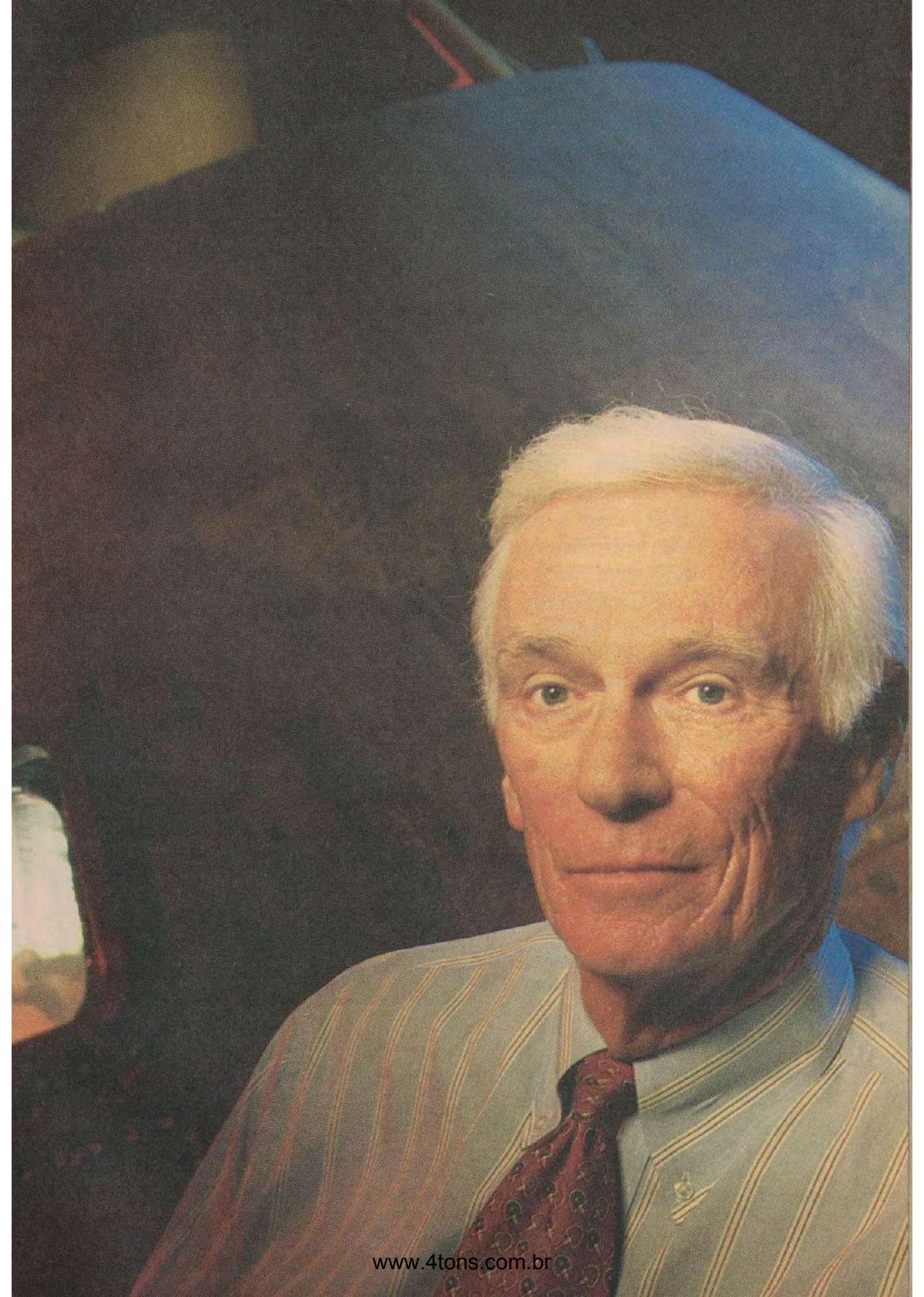


LIVRO DO MÊS

# O ÚLTIMO HOMEM LUA<sup>na</sup>

**Por Eugene Cernan  
e Don Davis**

**E**ugene Cernan pertence a um dos clubes mais exclusivos do mundo – o dos homens que pisaram na Lua. Neste trecho de seu livro ainda inédito no Brasil, Eugene Cernan nos dá uma idéia clara



do que significou ser um dos primeiros astronautas: os sacrifícios pessoais; a preparação meticulosa para a perigosa e inesquecível aventura espacial; os testes de resistência, aterrorizantes, às vezes brutais – tudo em nome da simples paixão pela descoberta.

### Um ponto no espaço

**A** CONTAGEM regressiva chegou a dez segundos. Então veio a ignição. Pelo treinamento, eu imaginava que a sensação seria a de ser catapultado num pequeno avião, com rapidez e violência. Outros que tinham ido ao espaço diziam que seria diferente. Não sabiam explicar exatamente como. Mas seria diferente.

Houve um estremecimento no momento da ignição do foguete Titan II. Em seguida, senti um baque remoto quando os parafusos que o prendiam à plataforma se soltaram.

Algo estranho aconteceu abaixo de mim, que me encontrava a uma altura equivalente a dez andares, às 9h39 daquela manhã de verão na Flórida, no ano de 1966. Percebi um movimento, uma leve pulsação. Ouvi então um rangido surdo, o troar do imenso foguete desprendendo-se da Terra em câmera lenta. Minha primeira viagem espacial, como par-

te da missão Gemini 9, levando dois tripulantes, estava começando. Após a lentidão inicial, de repente nos vimos a toda a velocidade, afastando-nos cada vez mais da terra. O foguete galopava acima do Atlântico, enquanto a força da gravidade pressionava meu peito feito uma pilha de tijolos. Meu coração batia a mil por hora. Trinquei os dentes.

Continuamos acelerando, cada vez mais rápido, à medida que a atmosfera ia ficando mais rarefeita e a queima do combustível nos tornava mais leves. A essa altura não passávamos de um ponto ao fim de uma trilha de vapor que se espichava no céu, a cada segundo mais longe da Terra.

Com cerca de dois minutos e meio de vôo, estávamos prontos para a separação do primeiro estágio. Os dois grandes motores deveriam ser desligados e desprender-se, deixando tudo a cargo de um motor menor, o do segundo estágio.

Meu colega de vôo e comandante da missão, Tom Stafford, avisou-me que isso provocaria um tranco. Ele tinha razão.

Estávamos pregados nos assentos por uma força correspondente a quatro vezes e meia a força da gravidade quando a separação aconteceu. Tudo desapareceu num piscar de olhos. Perdemos o impulso e fomos atirados para a frente. Mas uma bola

de fogo gigantesca em nosso rastro de repente envolveu toda a nave numa nuvem turva de chamas vermelhas e alaranjadas. Eu sabia que aquilo ia acontecer, mas, mesmo assim, meu primeiro pensamento foi o de que estávamos pegando fogo.

Mais um piscar de olhos e o motor do segundo estágio foi acionado, arremessando-nos além da bola de fogo. Outra vez a aceleração voltou a aumentar. Depois de cinco minutos de vôo, lutávamos para expandir os pulmões ante aquela incrível pressão.

Prestes a entrar em órbita, o foguete foi desligado e nós, que antes respirávamos com dificuldade, vimo-nos em meio ao nada absoluto. Gravidade zero. Algumas porcas e parafusos que os operários tinham deixado cair dentro da nave saíram dos esconderijos e começaram a flutuar, enquanto um pedaço de corda dançava lentamente diante de meu nariz. Minhas mãos se ergueram, desprovidas de peso, e minhas pernas, envoltas pelas calças metálicas do traje espacial, tornaram-se leves como pluma.

Tom manobrou a cápsula para que pudéssemos ver a Terra. Ansioso, olhei pela janela. Lá embaixo, vi o longínquo oceano azul e um tabuleiro de damas formado pelas nuvens brancas. A cos-



**Missão Quase Impossível**— Cernan (atrás) e Stafford antes do vôo da Gemini que testaria seus limites.

ta da África deslizava bem abaixo de nós. *Estou no espaço, pensei. É bom estar aqui.*

## Primeiros passos

**A**QUELA JORNADA, minha primeira viagem espacial, tinha começado no cinema que minha família freqüentava num subúrbio de Chicago, quando eu era garoto. Já naquela época, voar exercia sobre mim um fascínio. Eu dividia um quarto com minha irmã, Dee. E costumava brincar dizendo que ficar apertado na cabine de um avião seria moleza se comparado com aquilo.

O que era preciso para se tornar um astronauta? E, mais precisamente, o que era um astronauta?

Naquela época, o sonho de meu pai era que eu entrasse para uma boa faculdade de engenharia. Meu sonho continuava sendo o de voar. A aventura estava no ar. Quando eu era adolescente, um jo-

vem e genial piloto de testes chamado Chuck Yeager tinha pela primeira vez quebrado a barreira do som sobre o deserto da Califórnia, inaugurando assim uma nova era para a aviação.

Meu fascínio por voar se manteve durante todo o curso secundário. No último ano, concorri a uma bolsa da Marinha para a Universidade Purdue, e ganhei. Muitos colegas, naqueles anos 50, eram camaradas

mais velhos que tinham lutado na Coréia. Lembro-me de um rapaz discreto, que estava um ano na minha frente. Ninguém diria que ele havia participado de 78 missões de combate aéreo. Um dia eu iria encontrá-lo de novo. Seu nome era Neil Armstrong.

Formei-me em Purdue em 1956, saindo de lá com um diploma de engenharia elétrica e a patente de guarda-marinha. No dia 22 de novembro de 1957, diante do olhar orgulhoso de meu pai, mamãe prendeu em meu uniforme azul o distintivo de ouro, em formato de asa.

Um mês e meio antes, ocorrera outro fato que mudaria minha vida. A União Soviética pôs em órbita, pela primeira vez, um objeto feito pelo homem. Chamava-se Sputnik. Todas as vezes que ele passava sobre nossas cabeças, era como se nos contasse que um novo capítulo da Guerra Fria estava começando.

Quatro meses depois do Sputnik, os Estados Unidos deram a resposta com o Explorer 1, que carregava menos de cinco quilos de equipamento científico e foi lançado de um lugar quase desconhecido na costa da Flórida chamado Cabo Canaveral. A corrida espacial tinha começado.

Naquela época, eu não sabia de quase nada disso. Pertencia ao Esquadrão de Ataque 126 e atravessava os céus da Califórnia a 500 nós. Era um piloto dedicado e não era no espaço que estava interessado, mas sim em acertar no alvo as bombas nucleares simuladas que levava na

barriga do meu jato Fury FJ-4B. Apesar disso, tantos fatos impressionantes estavam acontecendo que acabaram sendo registrados por meu radar pessoal. Em 1959, os soviéticos lançaram o Luna 2, um projétil de quase 400 quilos, que se tornou o primeiro objeto feito pelo homem a alcançar a Lua.

Em abril de 1959, os Estados Unidos contra-atacaram com o anúncio de que um grupo de sete pilotos tinha sido escolhido para ir ao espaço. Imediatamente, todos os pilotos do país queriam fazer parte daquela lista. Fiquei fascinado com a missão deles e um novo sonho surgiu em minha cabeça. O que era preciso para se tornar um astronauta? E, mais precisamente, o que era um astronauta?

Os “Sete Primeiros” tinham qualificações que estavam muito além dos meus modestos predicados naquela época. De todas as qualificações exigidas para nos tornar um deles – como por exemplo vasta experiência como piloto de testes –, eu tinha apenas duas: menos de 40 anos e formação em engenharia.

Em abril de 1961, a corrida espacial se intensificou quando o cosmonauta russo Yuri Gagarin entrou numa nave em formato de bala de canhão chamada Vostok I e completou uma órbita da Terra em 108 minutos, tornando-se o primeiro homem a ir ao espaço. O impacto dessa proeza foi semelhante ao causado pelo Sputnik.

A febre espacial estava no ar. Menos de um mês depois, um aviador

da Marinha americana chamado Alan B. Shepard Jr. se enfiava numa pequena nave da série Mercury e era lançado para um vôo suborbital de 15 minutos. Naquele dia eu estava grudado na TV, imaginando o que seria estar ali dentro daquela cápsula em seu vôo temerário e barulhento.

Enquanto isso, outros acontecimentos, mais felizes, se passavam em minha vida. No Aeroporto Internacional de Los Angeles, eu conhecera Barbara Atchley, uma linda texana em seu uniforme azul de comissária da Continental Airlines. Em 1960, Barbara e eu estávamos apaixonados e, no dia 6 de maio de 1961 – o dia seguinte ao vôo de Shepard na Freedom 7 –, nos casamos.

Pouco depois, o presidente John Kennedy fazia no Congresso o anúncio histórico: “Acredito que este país deva se dedicar ao objetivo de levar um homem à Lua e trazê-lo de volta em segurança, antes que esta década chegue ao fim.” Lembro-me de ter pensado na época que aquelas eram palavras corajosas, pois tínhamos pouca experiência em vôos espaciais tripulados.

No ano seguinte, quando John Glenn se tornou o primeiro americano a alcançar a órbita da Terra, Barbara me perguntou:

– Você gostaria de fazer isso?

– Claro! – respondi.

Naquele mesmo ano, um segundo grupo de astronautas – conhecidos como os “Próximos Nove” – foi selecionado. Entre eles, estava meu colega de Purdue, Neil Armstrong.

Eu ainda era muito inexperiente para me qualificar. Uma viagem ao espaço não parecia fazer parte de meu futuro.

Mas, felizmente, a paternidade fazia. Barbara teve uma linda menina – Tracy – em 4 de março de 1963. No verão daquele ano, a Marinha me mandou para uma empresa aeroespacial da Califórnia, a fim de trabalhar com sistemas de propulsão líquida de foguetes. Uma tarde, eu estava em minha mesa de trabalho quando recebi um telefonema de um comandante da Marinha em Washington.

Ele me explicou, em termos vagamente burocráticos, que a Marinha tinha selecionado os nomes de alguns oficiais que poderiam vir a ser escolhidos para um “projeto especial”. E meu nome estava na lista.

– Você se candidata?

– Para quê? – perguntei.

Uma regra tácita entre os militares era nunca se candidatar a nada se não se soubesse do que se tratava.

Ele deu um suspiro, visivelmente irritado.

– Para o programa Apollo – disse, continuando a explicar que a Marinha tinha sugerido meu nome.

Meu coração deu um salto. Astronauta? Eu? Sabia que os astronautas do programa Apollo iriam à Lua. Precisei de um segundo para absorver a pergunta. E respondi prontamente:

– Claro que sim, senhor!

Liguei para Barbara para contar a novidade. Depois de um primeiro momento de surpresa, ela disse:

– Puxa, Eugene, precisamos batalhar por isso!

## Palavras mágicas

**D**EPOIS do telefonema, vieram semanas de papelada, entrevistas e exames médicos, reduzindo o grupo, de centenas de nomes, a cerca de 30.

A notificação final seria feita através de um telefonema. Se Deke Slayton, chefe do Escritório dos Astronautas, ligasse, isso significava que você tinha sido escolhido. Se o telefonema fosse do assistente de Deke, significava que você estava fora. Certa manhã de outubro, meu telefone tocou. Era Deke.

– Oi, Eugene – disse ele. – Caso ainda esteja interessado, tenho um emprego para você.

Devo ter dito algo, mas estava tão feliz que não me lembro nem de ter desligado. Logo a notícia se espalhou e fui arrastado porta a fora para comemorar.

Naquela época, os russos estavam impondo um ritmo atroz à corrida espacial. Durante o treinamento, soubemos que os russos tinham posto três cosmonautas em órbita. Depois, em março de 1965, o soviético Alexei Leonov tornou-se o primeiro homem a caminhar no espaço. Às vezes tínhamos a sensação de estar sempre correndo atrás deles. Como a série pioneira Mercury tinha sido encerrada e o programa Apollo ainda era algo distante, a NASA criou uma espécie de ponte entre os dois,

um programa chamado Gemini. Suas missões – dez tripuladas e duas não tripuladas – tinham por objetivo provar que estávamos aptos a enfrentar os principais obstáculos de uma viagem à Lua.

Podíamos caminhar e trabalhar no espaço? Podíamos localizar outra nave e nos acoplar a ela? Podíamos construir foguetes poderosos o suficiente para nos levar da Terra à Lua?

Infelizmente, alguns dos Sete Primeiros estavam se afastando. Era o caso de John Glenn, e também o de Scott Carpenter. Deke Slayton e Alan Shepard tiveram de parar de voar por razões médicas e foram ocupar postos especiais. Felizmente, John Glenn acabaria tendo uma segunda chance três décadas depois, quando se tornaria o homem mais velho a ir ao espaço.

Éramos 14 no grupo quando fomos para Houston, em 1964. Mergulhamos de cabeça nas aulas, com 20 semanas estafantes que incluíam lições em sala, tarefas técnicas, viagens de sobrevivência em selvas e desertos – para o caso de perdermos o ponto de aterrissagem – e trabalho de campo em regiões vulcânicas isoladas no Arizona, no Alasca e na Islândia. Com frequência a NASA nos fazia trabalhar sete dias por semana.

Para mim, foi uma época maravilhosa. As pessoas eram brilhantes, o trabalho fascinante e a recompensa final – caminhar na Lua – simplesmente inacreditável. Mas nossas famílias pagaram um preço alto. Barbara e eu fomos morar num peque-

no bangalô alugado, sem nem uma árvore para amenizar o sol do Texas, e ela passava os dias ali sozinha, tomando conta de Tracy. Anos depois, fiquei sabendo que muitas vezes Barbara sentia tanto medo de ficar sozinha em casa que passava metade da noite acordada, chorando.

Talvez ela tenha me contado, mas eu não estava ouvindo. Encontrava-me tão envolvido com a idéia de ser astronauta que só queria falar sobre o programa.

Meu entusiasmo se devia ao fato de estarmos fazendo grande progresso. Em junho de 1965, a Gemini 4 fez um vôo de quatro dias, cujo ponto alto foi a caminhada de Ed White no espaço. Ed tinha tal capacidade física que, para ele, as chamadas atividades extraveiculares pareciam quase brincadeira. Entretanto, reentrar na nave apertada foi tarefa difícil até mesmo para ele.

Por essa época, nem mesmo o melhor aluno de nossa turma tinha ido ao espaço. Eu começava a ficar preocupado. Estava no programa há um ano e meio, e meu futuro ainda era uma incógnita.

Finalmente, em 1965, alguns de nós começaram a fazer treinamento de vôo. Elliot See, um dos Próximos Nove, e Charlie Basset, que era do meu grupo, foram escolhidos para a tripulação principal da Gemini 9.

---

As pessoas e o trabalho eram fascinantes. Mas nossas famílias pagaram um preço alto.

Seguindo a escala, cada tripulação reserva ocuparia a vaga da equipe titular dali a três missões. Já podíamos prever como seriam as equipes titulares até a Gemini 11. Isso significava que o próximo prêmio para nosso grupo seria uma vaga na reserva da Gemini 9. E, quem conseguisse o posto, poderia ser alçado à tripulação titular da Gemini 12.

Eu tentava não pensar no assunto. Seguia em frente. Até que um dia alguém bateu de leve em minha porta. Um dos técnicos apareceu:

– Eugene, Deke quer que você experimente um traje espacial.

Traje espacial! As palavras mágicas! Direto para o vestiário! A vaga era minha! Eu estava na tripulação reserva da Gemini 9.

## Trágicos acontecimentos

**C**OMO PARTE de meu treinamento, eu precisava aprender tudo que Charlie Bassett fazia, para o caso de precisar tomar o lugar dele. A missão principal da Gemini 9 era voar em órbita da Terra e acoplar-se ao foguete-alvo Agena, especialmente construído com uma área de acoplagem. Além disso, Charlie deveria andar no espaço. Carregando uma espécie de mochila conhecida como Unidade de Manobra do Astronauta (AMU), ele deveria dar voltas no espaço com a ajuda de pequenos foguetes propulsores, mantendo-se preso à nave principal por um longo cordão. A Força Aérea estava desenvolvendo a AMU

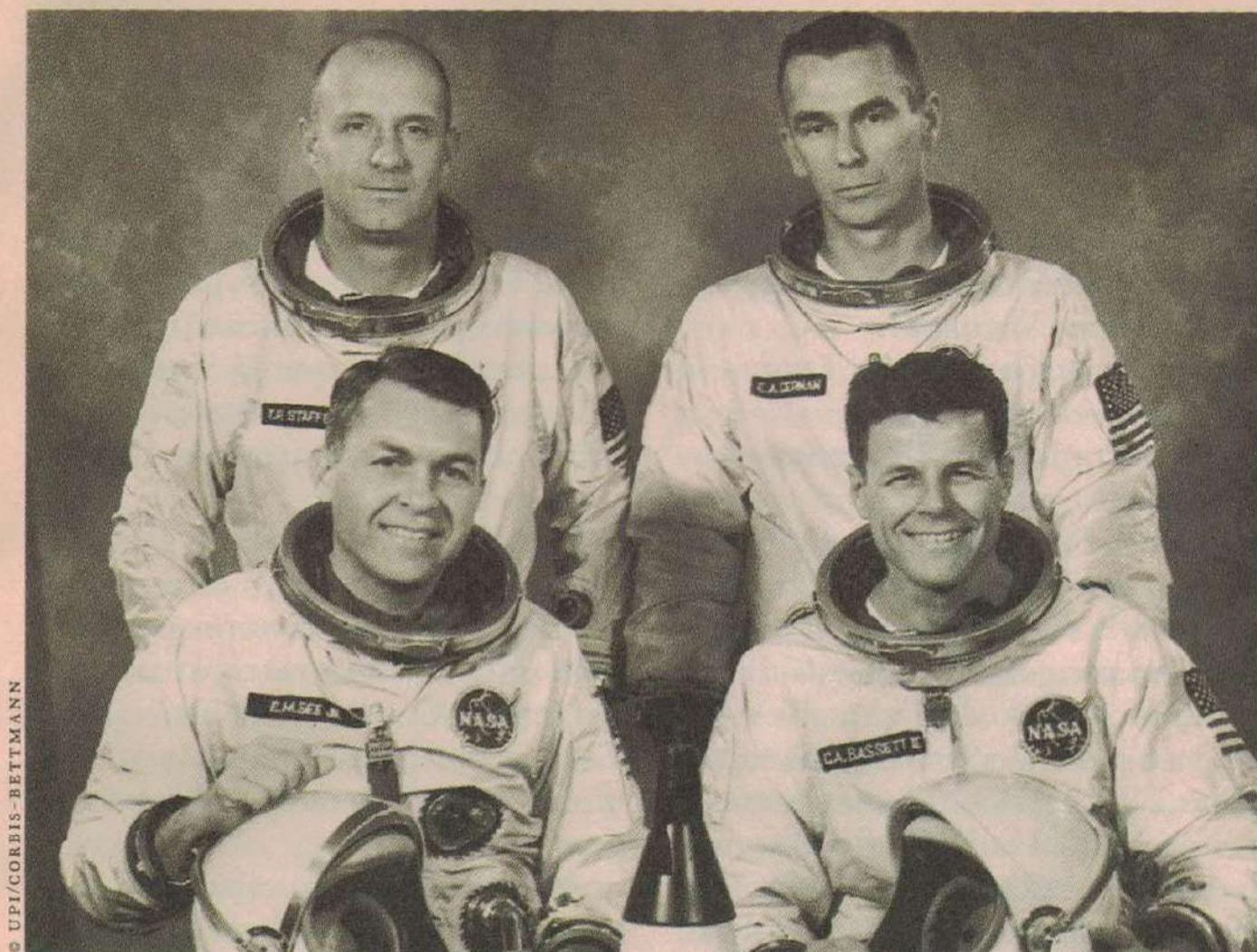
para o dia em que os astronautas precisassem se movimentar a fim de construir estações espaciais ou resgatar outros astronautas perdidos.

Como Charlie e eu éramos os astronautas que iriam realizar a caminhada no espaço, estávamos sempre juntos, bebendo uma ou duas cervejas no bar de algum hotel ou viajando para os mais diversos lugares. Os Bassetts viviam a três quadras de nós e a mulher de Charlie, Jeannie, era amiga de Barbara.

Até que, no último dia de fevereiro de 1966, Elliot e Charlie decolaram num avião, enquanto Tom Stafford e eu seguíamos em outro, para St. Louis, numa visita de inspeção à nave Gemini 9. Quando nos aproximávamos do aeroporto, o céu de inverno nos envolveu num misto de chuva, neve e neblina. Na hora da descida, por causa da neblina, Elliot calculou mal sua rota de aproximação. Ao fazer a volta para tentar novamente o pouso, o avião bateu no alto de um prédio, perdeu o controle e foi cair num quintal, onde explodiu, matando os dois.

Foi um dos momentos mais difíceis pelos quais Barbara e eu passamos em todos os anos do programa espacial. A morte de Charlie deixou sua mulher arrasada. Jeannie, uma jovem encantadora, estivera eufórica com o iminente vôo do marido ao espaço.

Barbara fez o que pôde para tentar confortar a amiga, mas isso só piorou a situação. Ela era casada com o homem que substituiria Charlie na Gemini 9. Além disso, Jeannie já não



**Tragédia**— Depois da morte dos tripulantes Elliot See e Charlie Bassett (à frente), Tom Stafford e Eugene Cernan assumiram a Gemini 9.

faria parte do seleto grupo de mulheres de astronautas. O programa espacial não tinha lugar para viúvas e órfãos. Agora ela estava sozinha. Era terrível e injusto.

Apesar dessa tragédia, o programa acelerava com intensidade cada vez maior. Poucas semanas antes, uma nave russa não tripulada tinha pousado na Lua. *Se podiam fazer isso com um robô, por que não com gente?*, pensamos. Tom Stafford e eu agora estávamos na tripulação principal.

Quando voltamos ao trabalho, tudo mudou para mim. Antes, havia o tênue conforto de que na verdade eu

não iria voar. Agora seria eu de fato que me sentaria num foguete e seria mandado para o espaço.

Nosso vôo estava marcado para o dia 17 de maio de 1966. Hordas de repórteres se aglomeravam na porta da casa de meus pais e na minha casa, em Houston. Papai tinha tirado uma semana de férias para poder acompanhar todo o vôo. Barbara acomodou-se diante de duas TVs, ao lado da mãe, torcendo nervosamente as mãos. A pequena Tracy, 3 anos, passava o tempo com os lápis de cor e em brincadeiras com a melhor amiga.

Poucas horas antes do lançamento, Deke Slayton dirigiu-se a Tom Stafford e disse:

– Quero falar com você.

Fiquei preocupado. A poucas horas do lançamento, o chefe queria ter uma conversa em particular com o comandante da nave?

Mais tarde, perguntei a Tom:

– O que ele queria?

– Está tudo bem, Eugene – respondeu ele.

Depois da missão, fiquei sabendo sobre o que haviam conversado. A caminhada no espaço que eu deveria fazer era perigosa. Se algo saísse errado, a única opção de Tom talvez fosse cortar o cordão, fechar a escotilha e voltar à Terra. Como comandante da missão, Thomas P. Stafford e ninguém mais – nem mesmo Deke – teria de tomar uma decisão desse tipo.

Enquanto isso, os preparativos para o lançamento continuavam. Os assistentes nos ajudaram a entrar pelas escotilhas. Tom e eu fomos enfiados num vão que não era maior do que o banco dianteiro de um automóvel compacto. E ainda tínhamos de dividir o espaço com um console eletrônico do tamanho de uma pequena geladeira.

Nós nos acomodamos nos assentos, deitados de costas, os trajes volumosos dificultando-nos os movimentos. Em seguida minha escotilha foi fechada e trancada pelo lado de fora. *Alguém que sofre de claustrofobia não tem lugar no programa espacial*, pensei.

A luz da manhã penetrava pelas

duas janelas minúsculas. Tudo que víamos era o céu azul, nada mais. Eu me contorcía, esticava-me e ajeitava-me, tentando arrumar o traje, as calças pesadas, as luvas, as botas, a roupa de baixo comprida e o capacete, de forma a ficar um pouco mais confortável. Naturalmente, senti coceiras em lugares que não conseguia alcançar. Não tinha outra escolha: o jeito era respirar o oxigênio, ouvir o rádio e esperar.

E então veio a bomba: o foguete-alvo Agena, ao qual deveríamos acoplar nossa nave como parte do treinamento, tinha se espatifado no Atlântico. Com isso, lá estávamos, Tom e eu, prontos, mas sem nenhum lugar para onde ir. Nossa viagem foi adiada.

As escotilhas da cápsula foram abertas e nós engatinhamos de volta para o mundo real. Eu estava cansado e desapontado, sentindo-me vazio por dentro, mas havia também uma estranha sensação de alívio. Ufa!

Essas emoções, naturalmente, os astronautas guardam para si.

## A varanda de Deus

**N**ÃO HAVIA nenhum outro Agena pronto para ir ao espaço, mas a NASA providenciara um alvo alternativo ao qual a Gemini 9 poderia atracar, que chamávamos de Blob. Este era basicamente um tubo de pouco mais de três metros de comprimento. A parte da frente parecia muito com a do Agena, com uma área de acoplagem

coberta por um cone de fibra de vidro que seria liberado assim que o objeto entrasse em órbita.

Em 1º de junho, o Blob foi lançado – mas nós não. Mais uma vez, nosso lançamento foi adiado. Dois dias depois, lá estávamos nós, numa órbita oval em torno da Terra, no rastro do Blob. A distância entre nós era de cerca de mil quilômetros, com as duas naves voando a mais de 27.000 km/h. Com cuidado, fomos diminuindo a distância e, em nossa terceira órbita, Tom usou os foguetes propulsores para se aproximar e estacionar junto ao outro veículo. O Blob estava girando e revolvendo-se, totalmente descontrolado, com o cone protetor ainda preso a ele.

Foi uma decepção, porque não teríamos como treinar acoplamento com o cone no caminho. Em vez disso, começamos outro exercício de aproximação, recuando cerca de 18 km. Fingimos que nosso sistema de radar não estava funcionando e tentamos guiar-nos apenas por nossos olhos, pelas estrelas, pelo computador e pelo lápis e papel, sempre confiáveis. Foi um exercício duro. Acabamos localizando a outra nave, mas Tom e eu estávamos exaustos.

Nossa forma física era ótima, mas a dura preparação para a missão, a tensão dos lançamentos e o vôo espacial em si tinham me deixado com a sensação de ter sido atropelado por um caminhão. Além disso, a alternância constante entre dia e noite havia arruinado meu relógio biológico. O centro de controle da missão,

lendo os sensores que transmitiam dados sobre nosso estado clínico, disse-nos para descansar um pouco.

Oito horas mais tarde, fizemos um exercício de aproximação ainda mais difícil. Tivemos sucesso, mas foi muito mais complicado do que havíamos imaginado e queimou muito combustível. Quando terminamos a missão, eu me sentia como se tivesse passado o dia cavando fossos com uma colher de chá e não como tendo participado de uma glamourosa missão espacial.

No programa, tudo era feito de forma a ir avançando passo a passo. Um teste, com expectativas mínimas, era realizado, em seguida um outro, ligeiramente mais complexo, e assim por diante até que o objetivo final fosse alcançado. Esse método cuidadoso tinha nos conduzido em segurança ao ponto em que estávamos. Mas razões políticas e a precipitação começavam a deixar a cautela de lado.

Minha caminhada no espaço era um exemplo. Ed White tinha brincado lá fora por apenas meia hora. Agora saltávamos para um esquema nada realista que me faria caminhar no espaço por mais de duas horas e meia.

Outra vez descansados, Tom e eu ajudamos um ao outro a ajustar os capacetes, fechar os visores e pressurizar os trajes. Quando minha roupa espacial foi inflada, ficou tão dura que não havia como dobrá-la. Nem nos cotovelos, nem nos joelhos, nem na cintura.

Retiramos o oxigênio da nave. Em seguida, segurei a alça da escotilha

maior acima de minha cabeça e a virei. Quando a escotilha se abriu, mal eu me apoiara no chão e meu traje espacial se desdobrou, saindo da posição sentada. Metade do meu corpo se projetou para fora da Gemini 9 e lá fui eu, admirando a paisagem.

E – Deus do céu! – que paisagem!

– Aleluia! – foi o melhor que pude dizer. – É mesmo lindo aqui!

Voando a quase 30.000 km/h, apressamos a aurora. A escuridão deu lugar a uma neblina fantasmagórica, acinzentada. Depois, uma tira fina e pálida de azul apareceu na linha do horizonte. Logo se transformava num azul mais profundo, sobre faixas estreitas de ouro, até que o disco brilhante do sol surgiu de um salto, inflamando o céu. A água azul tremeluzia de ambos os lados da península de Baja California, no México, e os desertos do sudoeste cintilavam como metal polido. Uma renda cor de marfim de nuvens finas se estendia por muitos quilômetros. Era como estar sentado na varanda de Deus.

### Dor excruciante

**M**INHA PRIMEIRA tarefa era avaliar a chamada “dinâmica umbilical”. Sem propulsores como os usados por Ed White, eu deveria testar se uma pessoa seria capaz de fazer manobras no espaço usando o longo cordão umbilical que me fornecia oxigênio e permitia a comunicação.

E assim saí, começando a voar como uma pipa presa por um fio. Ime-

diatamente o cordão, que chamávamos de “cobra”, resolveu me dar uma aula sobre as leis de Newton. Perdi o controle e comecei a me revolver em todas as direções. Quando o cordão se esticou ao máximo, ricochetei como se praticasse *bungee jump*. Briguei com aquela cobra por cerca de meia hora, mas em vão. Era como se estivesse em luta corporal com um polvo.

Ali no espaço, onde as únicas regras eram ação e reação, para que fosse possível caminhar era preciso um meio de propulsão. Além disso, a nave deveria ter mais corrimãos para a gente se agarrar.

Descansei um pouco antes de começar a me dirigir à parte traseira da nave, onde a AMU, a mochila espacial, estava acondicionada. Avancei lentamente, com as mãos agarradas a um pequeno corrimão, mas o traje espacial atrapalhava cada movimento meu, fazendo-me flutuar como um balão de gás.

Enquanto me balançava em torno da traseira da nave, o sol se escondeu e penetramos a escuridão sobre a África do Sul. Puxei as barras que prendiam a mochila espacial. Um par de pequenas lâmpadas tinha sido instalado para iluminação. Entretanto, somente uma se acendeu e a luminosidade que oferecia era menor do que a de uma vela. Meu Deus, como eu estava cansado! Meu ritmo cardíaco era de 160 batidas por minuto. Suava muito e ainda nem tinha começado o trabalho propriamente dito. Tom já não podia

me ver, mas o cordão umbilical me permitia explicar-lhe que a missão não estava saindo exatamente como esperávamos.

– É uma batalha chegar aqui – disse a ele.

Eu mal conseguia enxergar, enquanto executava as diversas tarefas necessárias para que a mochila espacial estivesse pronta para voar. O suor fazia arder meus olhos, mas finalmente consegui virar o último botão e a mochila foi acionada.

Era cada vez mais difícil enxergar, até que me dei conta de que não era só por causa da escuridão. O esforço que eu fazia era tamanho que o traje espacial não conseguia absorver todo o dióxido de carbono e toda a umidade que eu desprendia. O visor do capacete estava tão embaçado quanto o pára-brisa de um carro em manhã de inverno.

O maior problema, porém, era minha incapacidade de me movimentar. Assim que uma extremidade do meu corpo se estabilizava, a outra passava a flutuar. A mochila espacial, por sua vez, era cheia de válvulas, alavancas e discos.

Quando tentei girar uma das válvulas, as leis de Newton entraram em ação outra vez. A válvula me atirou com igual força na direção oposta e lá estava eu, de novo, solto no espaço.

Finalmente consegui aprontar a mochila, sentar-me no pequeno selim e prender o cinto que me segurava a ela. Agora precisava desligar o cordão umbilical da nave e ligá-lo

ao oxigênio da mochila espacial. Mais torções e volteios, mas, como estava bem afivelado, tive um pouco mais de facilidade e consegui fazer a troca. Era a primeira vez que um astronauta cortava a linha de segurança que o prendia à nave no espaço. Agora eu estava de fato por minha própria conta.

Para comunicar-me com Tom dispunha apenas de um rádio. Mas, quando eu falava, ele praticamente só ouvia ruídos e sons distorcidos.

Tom disse aos controladores em terra – que não podiam me ouvir – que o trabalho demandava quatro ou cinco vezes mais esforço do que o previsto, que a comunicação estava ruim e que eu não enxergava nada através do visor. Se a situação não melhorasse, disse pelo rádio, teria de interromper a missão.

Antes que eu desligasse o cordão umbilical, a equipe médica em terra tinha lido os dados mandados pelos meus sensores corporais. O que viram nos monitores era que eu estava gastando energia com muito mais rapidez do que o imaginado. As batidas do meu coração tinham quase triplicado.

Apesar do cansaço, eu queria ir em frente. Mas Tom disse não. E eu sabia que ele estava certo. Com um suspiro, fechei os olhos e voltei o capacete para o sol da manhã, a fim de que o calor descongelasse a umidade do visor. Tinha feito o que podia.

ED WHITE havia me avisado de que reentrar na nave era tarefa difícil.

Mas deveria ter dito que era impossível. Se um astronauta tivesse mais de 1,75 m, não podia se levantar na cabine apertada sem bater a cabeça no teto. Mesmo sem o capacete, eu tinha 1,83 m, o que significava que teria de me encolher bastante para entrar.

Estávamos sobre o Atlântico quando comecei a voltar à cabine. Tom segurou meus pés sobre o assento em forma de L enquanto o traje espacial, sem flexibilidade, lutava como se fosse uma criatura viva. Se Tom me soltasse, para que eu

**Avisaram-me de que reentrar na nave após o passeio espacial era tarefa difícil. Mas deveriam ter dito que era impossível.**

pudesse tentar enfiar as pernas no vão sob o assento, eu simplesmente sairia flutuando de novo. Por isso, tentei me agachar. Uma dor excruciante percorreu-me as coxas enquanto eu forçava o

corpo para baixo, contorcendo-me todo. Meu objetivo era sentar-me e apoiar as costas na cadeira, mas isso era impossível por causa do traje espacial inflado. O esforço logo se transformou em luta e, em seguida, na mais aguerrida batalha, à medida que eu ia ganhando território, avançando um milímetro a cada vez.

Mas o que o centro de controle da missão ouviu foi Tom dizer:

- Está entrando, sem problemas.
- Sem problemas – concordei.

Até que afinal me vi com metade do corpo no interior da nave. Forcei os ombros pela escotilha, espres-

mendo-me ao máximo, dobrei o pescoço, baixei a cabeça num ângulo impossível e puxei a portinhola. No entanto, ela bateu no alto de meu capacete sem querer fechar. Tom puxou um cabo usado para fechar a escotilha, forçando-a para baixo mais alguns centímetros até que o mecanismo alcançou a primeira lingüeta. Eu já estava comprimido ao ponto de não conseguir me dobrar nem mais um centímetro, mas a porta ainda não estava bem fechada. A dor anuviava meus olhos. Mais um estalo da lingüeta. Mais força, mais estalos. Eu nunca tinha sentido tamanha dor. Dei um último puxão no cabo e a escotilha finalmente foi fechada.

– Tom – sussurrei pelo intercomunicador –, se não pressurizarmos a nave correndo, eu vou morrer.

O oxigênio não estava chegando aos meus pulmões e eu via pontos de luz diante dos olhos, sentindo uma agonia terrível, enquanto lutava para não perder a consciência.

Tom agiu imediatamente e o chiado do oxigênio entrando e pressurizando a cabine foi o som mais maravilhoso que já ouvi na vida. À medida que a pressurização aumentava, o traje espacial, misericordiosamente, cedia. Quando pude mover as pernas, desdobrei os pés, com muita dor, e estiquei o corpo, conseguindo por fim acomodar-me no pequeno assento.

Tirei o capacete e inalei o doce oxigênio, sentindo-me renascer. Era hora de ir para casa.

## Espaço sem fim

**O**S OUTROS vôos do programa Gemini foram um sucesso e, no todo, as dez missões tripuladas abriram caminho para a viagem do homem à Lua. Em menos de dois anos, tínhamos ultrapassado os russos, cujos esforços espaciais, em comparação, agora pareciam um tanto arrastados. Mas quando 1967 chegou restavam apenas 36 meses para que o homem chegasse à Lua, cumprindo o desafio de Kennedy para o fim da década.

Então, com tripulações já em treinamento para as primeiras missões à Lua, tudo foi pelos ares no dia 27 de janeiro, quando um incêndio durante teste com a Apollo 1 matou os astronautas Gus Grissom, Ed White e Roger Chaffee. Aparentemente uma faísca surgira em algum ponto do labirinto de fios e, no ambiente de oxigênio puro no interior da nave, deu-se o holocausto. Os rapazes ainda tentaram escapar pela pesada escotilha de emergência, mas morreram em segundos, asfixiados dentro dos trajes espaciais. A catástrofe paralisou o programa espacial americano.

Seguiu-se uma investigação e, como resultado, a nave foi completamente redesenhada. O interior foi alterado, incluindo até mesmo pintura e revestimento novos, capazes de resistir ao fogo. A escotilha que não pôde ser aberta foi modificada, de forma que esse procedimento pudesse ser realizado em cinco segundos. E, em vez de oxigênio puro, os astronautas passariam a operar, antes do lança-

mento, com uma mistura muito mais segura de nitrogênio e oxigênio.

Pelos planos da NASA, cada vôo da Apollo deveria levar uma tripulação de três homens. Para pousar na Lua, seria preciso deixar um astronauta em órbita em torno do satélite, no módulo de comando, enquanto os outros dois – o comandante da missão e o piloto do módulo lunar – desciam à superfície.

A primeira missão tripulada tinha agora recebido o novo nome de Apollo 7. Eu estava na tripulação reserva, o que significava que deveria voar na Apollo 10, junto com Tom Stafford e John Young. Ficou decidido que nossa missão seria ir até a Lua, onde Stafford e eu, a bordo do módulo lunar, nos separaríamos do módulo de comando e faríamos o primeiro teste em órbita lunar. Mas não pousaríamos na Lua.

Aos poucos, o ritmo foi se acelerando e o programa rapidamente retomou sua marcha frenética. Nossa leitura de cabeceira era o plano da missão. Tirar um tempo para a família nos fazia sentir como ladrões. Mesmo nossos bate-papos, depois de 12 horas de trabalho, eram sobre a missão. Sempre a missão.

Quando eu estava em casa, sentia-me tão cansado que era como se estivesse carregando uma mochila espacial cheia de pedras. As viagens e o treinamento constantes, sob forte tensão, estavam tendo um preço alto em termos físicos, emocionais e mentais. Eu achava que se dormisse estaria perdendo tempo, enganando

os colegas e deixando de cumprir meu dever. Tão obcecado eu estava que faltar a aniversários, comemorações e eventos importantes me parecia aceitável. Era preciso fazer sacrifícios. Eu dava desculpas vagas a Barbara ao telefone:

– Desculpe, querida, mas não vou chegar a tempo de levar você para jantar e comemorar nosso aniversário de casamento.

Ela aceitava as desculpas, também de forma vaga:

– Tudo bem. Eu entendo.

Mas eu podia sentir a tensão através do telefone.

Quando Tracy fez 5 anos, eu não estava lá para vê-la soprar as velinhas. Foi difícil para mim, mas para ela foi pior.

– Mamãe, por que o papai não veio para casa? Ele prometeu!

Não havia resposta. Minha filha não podia entender por que eu estava ausente nos momentos importantes de sua vida, e a situação chegou a um ponto em que nem Barbara conseguia mais entender.

Vindo de um meio que valorizava muito as relações familiares, eu me sentia mal com aquela situação. Mas, por mais egoísta que possa parecer, não havia escolha. Puxa, eu estava indo para a Lua!

E MEU DIA finalmente chegou em 18 de maio de 1969. O lançamento foi às 12h49 e em pouco mais de um minuto e meio nossa nave já tinha subido 20 quilômetros. Perto daquilo, o lançamento da Gemini foi um

simples rojão. Em menos de 15 minutos estávamos em órbita, a uma altitude de 185 km. Circulamos o planeta e em seguida o motor foi religado. Aceleramos a quase 40.000 km/h, rumo à nossa missão lunar.

Ao olhar a Terra dali, vi apenas um astro azul e branco a distância. Ao meu redor, as estrelas e a escuridão eterna envolviam tudo. Ninguém em juízo perfeito pode ter essa visão e negar a existência de um ser supremo. Algum poder superior colocou nosso planeta, nosso Sol e nossa Lua no vazio negro por onde vagam. Tudo é tão perfeito e bonito que sua existência não pode ser um acaso.

### Fora de controle

**N**O DIA 21 de maio, deixamos o campo gravitacional da Terra e fomos apanhados pelo da Lua. Assim que entramos em órbita do satélite, fomos correndo até as janelas para apreciar aquela esfera enorme e cinzenta que girava abaixo de nós. Vimos as cicatrizes de montanhas e vales, fendas e valas, possíveis vulcões extintos que eram brancos por fora e negros por dentro, e crateras circulares.

Então, à medida que seguíamos a curva da Lua, tivemos a primeira visão da Terra nascendo. Foi uma emoção imensa ver nosso planeta surgir no horizonte lunar, suas cores vivas aquecendo um pouco a aridez do espaço.

Em nossa nona órbita, Tom e eu percorremos flutuando o conduto



© BETTMANN

**Ensaio Geral**– A tripulação da Apollo 10, Eugene Cernan, John Young e Tom Stafford, abriu caminho para o pouso da Apollo 11 na Lua.

de conexão entre o módulo de comando e o módulo lunar, e começamos a nos preparar para o desacoplamento. Tínhamos apelidado o módulo de comando de *Charlie Brown*. E o módulo lunar, naturalmente, era *Snoopy*.

Tom ocupava o posto de comando, à esquerda, e eu ficava à direita, ambos de pé e presos ao chão, na gravidade zero, por cordões elásticos. Contávamos com os números que piscavam no computador do sistema de navegação principal, chamado Pings, e que nos diziam onde

estávamos. À minha direita havia outro computador, o Ags, um sistema auxiliar para nos tirar dali no caso de o Pings falhar.

Para nos guiar, dependíamos de três giroscópios conectados ao computador Pings. E as palavras que nunca queríamos ouvir em relação àquele sistema era “suspensão trancada”. Isso significaria um mau funcionamento, capaz de inutilizar nosso sistema de orientação. E o resultado seria nos espatifarmos na Lua ou ficarmos perdidos no espaço.

Ouviu-se um baque suave quan-

do as trancas de acoplagem se abriram e, com todo o cuidado, John Young recuou *Charlie Brown*, afastando-o do *Snoopy*. Em seguida, acionamos os motores e descemos de nossa órbita, a cerca de 90 quilômetros de altitude, como se fôssemos pousar. Nosso objetivo, contudo, era apenas alcançar uma órbita mais baixa, de cerca de 15 quilômetros acima da superfície cheia de crateras.

E lá fomos nós descendo, cada vez mais. Era quase como se estivéssemos sobrevoando o deserto do Arizona, mas nenhum deserto teria uma área como aquela. Seguíamos a toda, voltados para a superfície lunar, que passava sob nós como um tapete.

– Estamos muito perto – comentei, a voz tomada pela emoção.

Fizemos o reconhecimento do local onde a Apollo 11 deveria pousar. Era bastante plano, como o leito seco de um rio no Novo México, mas com uma área cheia de blocos de pedra numa das extremidades. Testamos o radar de pouso e procuramos pontos magnéticos no subsolo que pudessem perturbar o sistema de navegação. E logo já estava na hora de voltarmos.

A parte de baixo do módulo lunar, o estágio de descida que nos tinha empurrado para baixo, se transformaria numa plataforma de lançamento e o estágio de ascensão empurraria *Snoopy* de volta para a órbita em que seria acoplado novamente ao módulo de comando.

Como o objetivo da missão era re-

produzir tudo o que a Apollo 11 poderia ter de fazer, queríamos simular uma emergência e fazer com que o estágio de ascensão fosse guiado pelo sistema Aps em lugar do Pings. Entretanto, quando nos preparávamos para soltar os dispositivos e liberar o estágio de descida, sobreveio o caos. De repente, o *Snoopy* enlouqueceu.

– Suspensão trancada! – berrou Tom.

Nossos sinais haviam se cruzado e alguém, inadvertidamente, apertara o botão errado. De repente, estávamos dando solavancos, mergulhando e girando descontrolados, ao mesmo tempo em que seguíamos voando a quase 6.000 km/h, a menos de 15 mil metros das rochas e crateras.

– Vamos ligar o Aps! – gritei.

Lutamos a fim de cessar os giros. Tom assumiu o controle manual da nave. E, tão de repente quanto havia começado, o horrível episódio acabou – 18 segundos que nos pareceram uma eternidade, durante os quais demos cambalhotas sobre a Lua. Depois de analisar a situação, Slayton e Shepard mais tarde nos diriam que, se tivéssemos continuado a girar por mais dois segundos, teríamos nos chocado contra o satélite.

Dizer que a situação havia sido tensa é pouco. Deus do céu, eu estava em pânico! Imediatamente, porém, voltamos à rota certa. Religamos tudo e descobrimos que ainda tínhamos tempo de ligar o motor de subida como fora planejado. Brrrum! O foguete acendeu e nós subimos com

grande rapidez. Alcançamos *Charlie Brown* por trás da Lua e John completou a acoplagem, enquanto ouvíamos o doce ruído das trancas se fixando, o que significava que tínhamos sido capturados com sucesso.

## De volta à Lua

**A**SSIM QUE voltei, já estava pronto para ir de novo. Havia mais dez missões planejadas e eu estava ansioso para comandar uma delas antes que o programa acabasse.

Minha vontade foi aguçada no dia 20 de julho de 1969, quando nós todos vivemos o momento mais memorável de nossa geração: o dia em que o homem pisou na Lua. Eu estava no centro de controle da missão, assistindo ao feito, nervoso como todo mundo, quando a voz de Neil Armstrong, da Apollo 11, soou.

– Houston, aqui é a Base da Tranquilidade. *A águia pousou.*

O centro de controle da missão explodiu em vivas e aplausos. Não houve ali nada do gênero “Puxa vida, queria que fosse eu”. Fazer o Eagle tocar o solo da Lua fora um objetivo tão importante para todos nós que a exultação foi geral. Nós tínhamos conseguido. E o mundo inteiro estava maravilhado.

Poucos meses depois, Deke me chamou em seu escritório. Dois astronautas do programa haviam recusado futuros vôos por razões pessoais e aquilo alterava os planos.

– Você vai ter a sua oportunidade –

disse Slayton. – Vai ser o comandante da tripulação reserva da Apollo 14.

Nesse meio tempo, o orçamento da NASA vinha sofrendo cortes e, depois da Apollo 12, até mesmo o público estava nos abandonando. Já tínhamos pousado na Lua. Vencêramos os russos. Agora éramos vítimas do nosso próprio sucesso.

O pesadelo do vôo da Apollo 13 em abril de 1970, quando um tanque de oxigênio explodiu, piorou ainda mais a situação. A equipe em terra e a tripulação no espaço conseguiram superar os problemas e os astronautas sobreviveram, voltando com êxito à Terra. Mas essa vitória

deu ainda mais munição aos que se opunham ao programa. O medo de perder uma tripulação no espaço tomou o lugar da ousadia que tinha desencadeado o programa. Três meses

antes, a Apollo 20 tinha sido cancelada e os novos orçamentos liberados por Washington indicavam que outras missões também o seriam. O corte foi anunciado em setembro: dois outros vôos estavam cancelados. Dezessete seria o último número no rastro da Apollo e, como eu esperara, o comandante seria eu.

Minha tripulação para o vôo era formada por Ron Evans e Harrison “Jack” Schmitt. Demos ao módulo de comando o nome de América e ao módulo lunar, o de Challenger, o desafiador.

---

**Alguém apertara o botão errado. De repente, girávamos no espaço, descontrolados.**

Durante meses, os planejadores da missão procuraram o local de pouso mais adequado para o último vôo. A escolha deles foi uma região fotografada pela missão Apollo 15, o vale de Taurus-Littrow, profundo e irregular, à margem do Mar da Serenidade. Os cientistas acreditavam que ali poderiam ser encontradas rochas expelidas por vulcões, vindas das camadas mais profundas da Lua.

Jack, que era geólogo, adorou o lugar, por este lhe parecer um paraíso da ciência. Para mim, o desafio de entrar num desfiladeiro fechado e inexplorado era o sonho de qualquer piloto espacial. Montanhas grandes como as Rochosas se erguiam ao norte e ao sul da região e nosso ponto de entrada era guarnecido pelas Colinas Esculpidas, projetadas contra o céu como torres. Crateras e pedras imensas manchavam a terra plana. Pousar num alvo dentro de uma garganta mais funda que o Grand Canyon obrigaria o módulo lunar a um desempenho sensacional e serviria para testar tudo o que eu aprendera como piloto. A idéia era estimulante!

Em contraste com a tripulação da Apollo 11, que tinha vasculhado a superfície da Lua por apenas duas horas e meia, cobrindo distâncias que podiam ser percorridas a pé, nós ficaríamos três dias e nos deslocaríamos em uma espécie de jipe lunar. Usado inicialmente na Apollo 15, o jipe tinha cerca de três metros de comprimento e pouco mais de um

metro de altura. Movidos a bateria, os motores individuais de cada roda o fariam andar a até 17 km/h.

Tracy e Barbara passaram o mês do lançamento comigo em Cabo Canaveral. Tracy estava com 9 anos e pela primeira vez podia realmente entender o que estava acontecendo. Dei com ela uma volta no jipe espacial e deixei-a subir nos simuladores. Corri o dedo sobre um mapa da Lua.

— Aqui é onde papai vai pousar — disse-lhe, apontando os círculos de Taurus-Littrow.

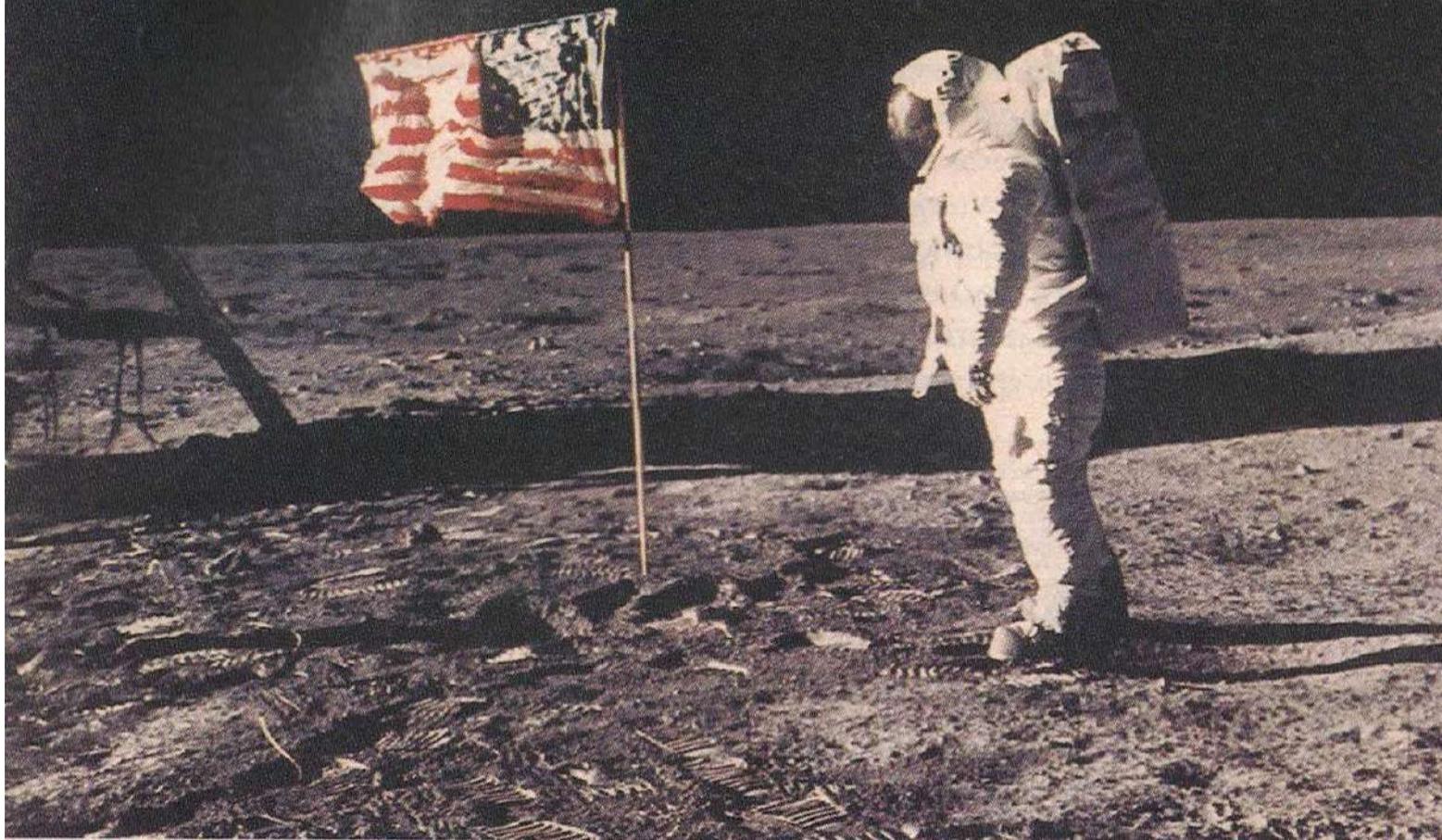
A Apollo 17 parecia ter acabado com toda a tensão que eu e Barbara tínhamos enfrentado durante os últimos anos. Afinal, aquela era a última missão e, quando terminasse, eu não seria mais transferido para outro vôo. Finalmente haveria tempo para a família, para o casamento, para um futuro juntos.

O que eu não sabia é que, por causa da duração da missão, de sua complexidade e importância, a tensão dessa vez seria pior do que tudo que minha mulher e eu já tínhamos enfrentado.

### Um par estranho

**A**os 33 MINUTOS do dia 7 de dezembro de 1972, a Apollo 17 foi lançada. E lá fomos nós em direção ao céu, abrindo caminho através de uma frágil camada de névoa, um belo tiro no escuro. Jack Schmitt gritou:

— Meu Deus, estamos subindo! Estamos subindo!



**Sonho Realizado**— Em 20 de julho de 1969, Buzz Aldrin (acima), da Apollo 11, segue os passos históricos de Neil Armstrong na Lua.

A bordo, nosso geólogo, sempre calado, parecia ter encarnado seu gêmeo conversador. Depois que entramos em órbita, ele passou o tempo todo falando com os controladores em terra sobre os mínimos detalhes de cada nuvem que via passar.

— Você parece um satélite meteorológico humano — alfinetaram os controladores, embora o encorajando a continuar falando. Afinal, ele era o primeiro cientista a entrar no que fora até então domínio apenas de pilotos.

Entramos em órbita lunar no dia 10 de dezembro. Nunca, em seus sonhos mais loucos, Jack tinha imaginado aquela visão e, momentaneamente, viu-se incapaz de falar. O sol iluminava os picos altos e as monta-

nhas, fazendo com que as bordas das crateras gigantescas e os detalhes da superfície sobressaíssem, banhados em ouro ou obscurecidos pelas sombras profundas.

Na manhã seguinte, Jack e eu desacoplamos o Challenger e começamos a descer. Graças aos simuladores na Terra, eu conhecia o lugar melhor do que a palma da minha mão. Quando estávamos a cerca de 2 mil metros de altitude, inclinei um pouco a nave para que o foguete propulsor ficasse quase perpendicular à superfície lunar. E a combustão nos fez baixar como se estivéssemos num elevador muito rápido.

Alcançamos a altitude dos aviões que pulverizam as plantações, sobrevoando as Colinas Esculpidas em

forma de cúpula, algumas com mais de 1.500 metros de altura, e seguindo na direção da entrada sudeste do vale de Taurus-Littrow, todo pontilhado por crateras. A emoção do explorador, tão antiga quanto o homem, tomava conta de mim à medida que eu percebia que penetráva-

mos o desconhecido, a terra incógnita do saber.

A voz de Jack soava nítida no rádio do meu capacete, enquanto analisava as informações do computador e do radar.

— Estamos descendo a 9,4 metros por segundo, chegando à altitude de

## PRÓXIMO MÊS

# ATERRISSAGEM FORÇADA!

O jato estava quase sem combustível. A única opção do piloto era a manobra que ninguém jamais havia tentado...

### MAIS

#### **SIMPLIFIQUE SUA VIDA**

Segredos de quem resolveu reorganizar seu dia-a-dia, ganhando mais tempo para fazer o que realmente gosta.

#### **CORAÇÃO DE FOGO**

Para superar seus temores e as cicatrizes que lhe marcavam o corpo e a alma, Lesia precisou de coragem — e amor.

#### **A DIETA ENERGÉTICA**

Sugestões simples para perder peso e ganhar muito mais energia.

#### **A MULHER DA VASSOURA**

A cada movimento de seu braço, ela transformava nossa rua numa verdadeira comunidade.



150 metros. Ainda está alto, Eugene.

– Tudo bem.

Fiz o ajuste e mirei no alvo final. Acionei um pequeno interruptor com a ponta do dedo e o Challenger respondeu, movendo-se em direção à zona de pouso como se puxado por um ímã. Próximo do chão, as montanhas em torno pareciam imensas! O íngreme Maciço Norte erguia-se à direita, tão alto quanto seis torres Eiffel e meia e, à esquerda, o Maciço Sul igualava em altura sete edifícios Empire State.

Estávamos quase lá. Estabilizei o mecanismo de pouso, enquanto a poeira cor de carvão subia e revolvia-se junto às janelas, toldando a visibilidade.

– Preparar para o pouso.

– Preparado. Sete metros e meio – disse Jack. – Combustível O.K. Seis metros. Três metros...

Das plataformas de alunissagem saíam sondas de um metro e meio de comprimento. Quando uma delas tocou a superfície, uma luz azul brilhou em meu painel e eu desliguei o motor. Baixamos a última garra, sentimos um leve solavanco e ficamos imóveis, ligeiramente inclinados sobre uma pequena depressão.

– Houston, o Challenger pousou!  
– anunciei, feliz, tirando as mãos contraídas do painel de controle.

Acima do Maciço Sul, a sudoeste, a Terra estava imóvel no céu escuro, minha silenciosa estrela guardiã.

QUATRO HORAS mais tarde, usando a mochila espacial equipada com

um sistema de sobrevivência, passei através da pequena escotilha e, com todo o cuidado, desci a escada do Challenger.

Baixei o pé esquerdo. Contato. Pronto, estava feito. Enfim, a pegada de um Cernan tinha sido impressa na Lua. Eu havia realizado meu sonho.

– Gostaria de dedicar esse primeiro passo da Apollo 17 a todos aqueles que o tornaram possível – eu disse a Houston. – Meu Deus! É inacreditável!

Virei-me devagar, procurando ver tudo, e fui subjugado pelo silêncio, pela solidão majestosa. No entanto, tinha a sensação de pertencer àquele lugar.

Jack desceu a escada também, saltando para o paraíso dos geólogos.

Eu:

– Puxa, como é bonito aqui!

Jack:

– Parece um pórfiro vesicular muito pálido. É constituído por dez a 15 por cento de vesículas.

Isso significava que as cintilações nas rochas eram cristais refletindo o sol. Formávamos um estranho par em plena Lua.

ENQUANTO ISSO, em Houston, Barbara mais uma vez havia se transformado na esposa forte e compreensiva, que conhecia bem seu papel na epopéia da Apollo: enfrentar a imprensa toda vez que colocava os pés nas ruas, ao mesmo tempo em que bancava a anfitriã para uma legião de amigos. Durante semanas fi-

cou assim exposta. Até que afinal cochichou para a melhor amiga:

– Preciso ficar sozinha.

Mas a questão era: onde? Do lado de fora, a casa estava praticamente sitiada pelos repórteres. Lá dentro, duas dúzias de pessoas se acotovelavam. Barbara retirou-se discretamente para o quarto e dirigiu-se ao banheiro, onde se trancou, entrando no chuveiro quente.

Ela havia sido corajosa durante o fiasco da caminhada espacial da Gemini 9 e o incidente com a Apollo 10 perto da Lua. Tinha compartilhado o desespero de Jeannie Bassett quando Charlie morreu. Mas o estresse acumulado por uma década inteira extravasava agora num rasgo de de-

sespero. Ela se encolheu e chorou. Meia hora depois, voltou calmamente para a sala e reassumiu o posto de anfitriã.

## Um nome na poeira

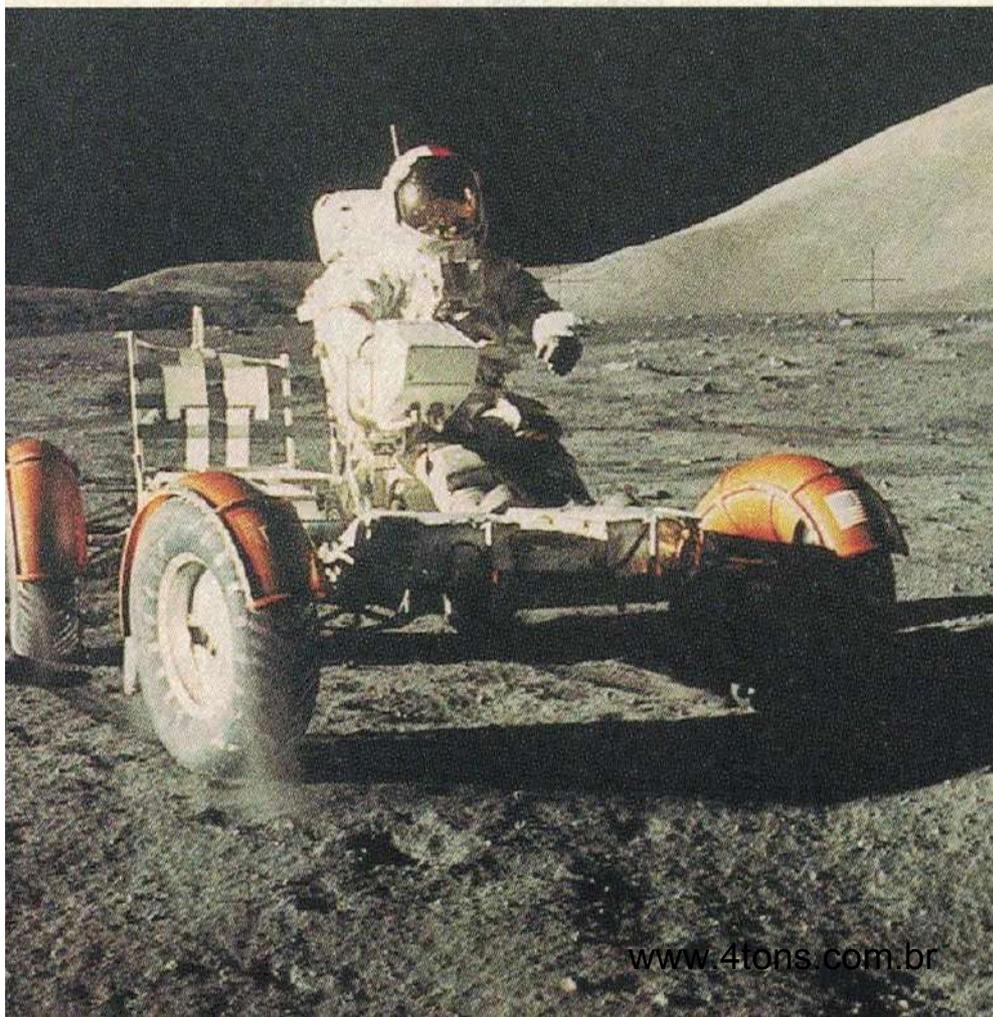
A PRIMEIRA tarefa designada a mim e a Jack era retirar o jipe, que era transportado na parte inferior do módulo lunar. Era um tal quebra-cabeça de rodas, assentos e pára-lamas dobrados que eu me senti como se estivesse armando uma bicicleta para Tracy no Natal.

A poeira fina teimava em grudar em nossos trajes, visores, luvas e ferramentas, como se atraída por ímã.

– Parece que estou aqui há uma semana – disse eu, tentando em vão sacudir o pó.

Assim que o jipe foi montado, armamos o mais sofisticado aparato de instrumentos científicos até então usado em missão lunar. Subimos no jipe e eu acelerei, mas imediatamente reduzi a marcha e passamos a quase engatinhar. O caminho estava cheio de crateras. As pedras maiores me obrigavam a freqüentes paradas. E todos os obstáculos estavam parcialmente ocultos, o que transformou uma viagem que deveria ser de rotina numa empreitada cheia de ris-

**‘Test Drive’** – Cernan faz uma rápida inspeção no jipe lunar antes de dar a partida.



cos. Além disso, eu tinha quebrado um dos frágeis pára-lamas do jipe e assim a poeira era lançada diretamente em nós. Jack e eu estávamos sujos da cabeça aos pés e nossos delicados instrumentos, cobertos por camadas e mais camadas de poeira.

Passamos mais de sete horas na superfície antes de voltar para o interior do Challenger, imundos e exaustos. A ferramenta mais bem-vinda de todas veio a ser uma escova que ficava pendurada junto da escada e que usávamos para espanar um ao outro de cima a baixo antes de subir a bordo.

Enquanto dormíamos, os engenheiros descobriram uma forma de improvisar um pára-lama. Instruíram-me pelo rádio e a idéia deu certo, mas, quando partimos para a segunda jornada de sete horas, já estávamos atrasados.

Nossa primeira parada seria a cratera Nansen, ao pé do Maciço Sul. Durante uma hora, exploramos as rochas que, eras antes, haviam rolado da montanha de 2.400 metros de altura, fornecendo-nos amostras das terras lá de cima sem que tivéssemos de subir ao cume. Na verdade, tínhamos encontrado uma tal mina de ouro geológica que Houston prolongou ao máximo nossa permanência no lugar.

Proseguimos, cobrindo cerca de 20 quilômetros ao todo. Embora frustrado por ter de se apressar, Jack teve seu momento de glória na cratera Shorty. Olhando para baixo e observando a superfície remexida

por suas botas, descobriu que estava de pé sobre um tapete de cor.

– O chão é laranja! – gritou.

Achei que ele estivesse sofrendo uma *overdose* de oxigênio. Não se esperava que houvesse cor ali na Lua. Parei o que estava fazendo e fui até lá. Fiquei espantado com o que vi.

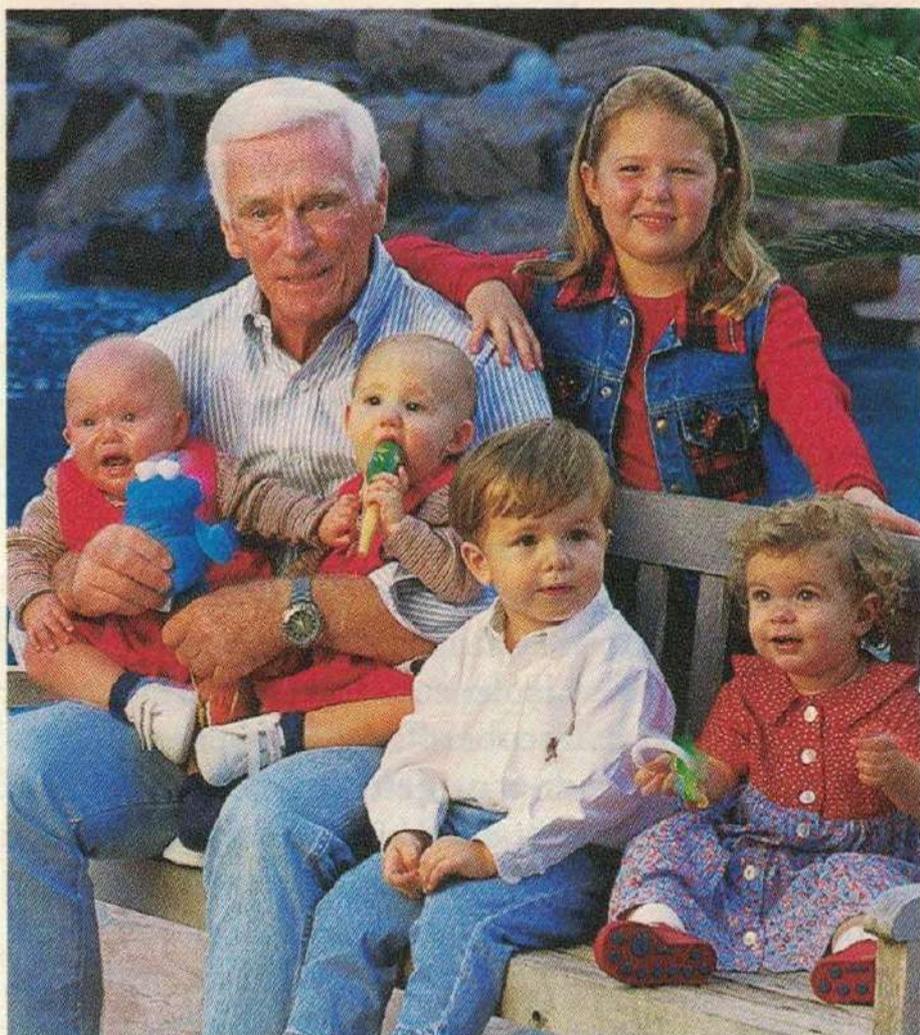
– Ei, é mesmo! É laranja!

Sabendo que o tempo se esgotava, trabalhamos como operários que cavassem um canal, colocando amostras em sacos e etiquetando-os. Nos anos seguintes, especialistas diriam que o solo cor de laranja era uma das descobertas mais surpreendentes de todo o projeto Apollo.

Nossa excursão final pela Lua começou no dia 13 de dezembro. Saímos depois do café da manhã, para mais sete horas de trabalho, dessa vez numa volta até as encostas íngremes do Maciço Norte e em seguida até a base das Colinas Esculpidas, incluindo uma visita à cratera Van Serg, escavando e recolhendo amostras.

De volta ao Challenger, novamente nos espanamos e enchemos as últimas caixas com as pedras. Tínhamos ficado mais tempo e viajado mais longe na Lua do que qualquer outra tripulação, coletando quase 100 quilos de pedras e amostras do solo.

Levei o jipe para longe do módulo lunar, estacionando-o de modo que a câmera de TV pudesse fotografar nossa subida no dia seguinte. Ao desmontá-lo, ajoelhei-me por um instante. Com a ponta de um dedo enlucado, escrevi na poeira lunar as iniciais de Tracy, sabendo que elas



© ROCKY KNETEN

**Portas Abertas**— Eugene Cernan com os netos. Para ele, o legado da Apollo é as novas gerações não serem mais prisioneiras deste planeta.

ficariam ali, intocadas, por mais tempo do que qualquer um poderia imaginar. Depois caminhei de volta para o módulo lunar e subi a bordo.

### O último homem

**A**QUI NA TERRA, a pergunta que mais me fazem é: “Ir à Lua mudou você?”

A visita à Lua foi talvez o momento mais brilhante de minha vida e o fato de saber que não posso voltar lá me deixa ansioso e inquieto. Certas noites fico olhando a Lua cheia surgir

com seu brilho ofuscante. Quando a vejo assim, consigo me transportar para o vale de Taurus-Littrow, onde o sol banha pedras e maciços. Emociona-me a lembrança da quietude absoluta e da presença da nossa Terra no espaço infinito. Muitos anos já se passaram para que eu continue sendo o último homem a ter pisado na Lua. Em algum lugar da Terra deve haver um jovem ou uma jovem, possuidor de vontade e coragem indômitas, que irá tirar de mim essa honra duvidosa, levando-nos outra vez lá em cima, que também é nosso lugar.

Gosto de pensar que o legado do projeto Apollo é que os seres humanos já não são prisioneiros deste planeta. Abrimos as portas do amanhã. Também acredito de todo coração que os seres humanos precisam explorar seu mundo. Queremos saber o que há por trás das montanhas ou além da esquina. É nosso destino. Certamente o entusiasmo provocado pela segunda e histórica viagem de John Glenn ao espaço no último ano mostrou que o programa espacial ainda é capaz de mexer com a necessidade que temos de celebrar

esse destino. A volta de John aos céus trouxe novamente ao programa espacial uma aura romântica.

Desde que caminhei na Lua, minha vida mudou muito. Acabei saindo da NASA em julho de 1976 e aceitando um emprego na indústria privada. A mudança coincidiu com o capítulo final de meu casamento com Barbara. O salário mais alto ajudou, mas não resolveu nossos problemas, que de qualquer forma nada tinham a ver com dinheiro. Quando Tracy era adolescente, Barbara e eu nos separamos. E, embora depois nos tenhamos divorciado, somos amigos até hoje.

Em 1987, casei-me com uma mulher maravilhosa, Jan Nanna, que trouxe consigo mais duas lindas filhas. Temos agora um punhado de netos, incluindo os gêmeos de Tracy.

Hoje meus momentos favoritos são os que passo no sítio que tenho numa tranqüila região do Texas. Certas noites, Jan e eu nos sentamos na varanda e observamos os cervos que vêm beber água no lago e pastar no meio do gado.

Numa dessas noites, quando a Lua surgia por trás das montanhas, peguei no colo minha neta de 5 anos,

Ashley, da mesma forma como fazia com a mãe dela, Tracy, em noites como aquela.

Ela apontou para o alto e disse:

– Vovô, olha lá a sua Lua.

Ela sempre a chamara assim, sem saber por quê.

– Você sabe a que distância ela fica de nós, querida? – perguntei.

Ashley pareceu intrigada, por isso fui em frente com o devaneio.

– Fica muito, muito longe lá no céu, onde Deus mora. Vovô foi com seu foguete até lá e ficou na Lua três dias inteiros. Cheguei mesmo a escrever as iniciais de sua mãe na areia.

Ashley olhou mais um pouco para a Lua, depois baixou os olhos e me encarou, vendo não um herói do espaço todo paramentado, mas apenas seu avô de cabelos brancos.

– Vovô – disse ela –, eu não sabia que você tinha ido ao paraíso.

Tomei um susto. O comentário inocente tinha decifrado o enigma que há tantos anos me intrigava. Minhas viagens ao espaço não tinham sido apenas à Lua, mas a algo muito mais rico e profundo.

Abracei Ashley com força.

– É verdade, meu bem – eu disse.  
– Seu avô foi ao paraíso. Foi, sim.

## INÍCIO PROMISSOR

Meu sobrinho largou um emprego lucrativo para ser escritor.

– Já vendeu alguma coisa? – perguntei-lhe, um dia.

– Já – respondeu. – Meu carro e minha televisão.

–PATRICK DICKINSON, *Grã-Bretanha*

